Teatro Amazonas (II) segunda Fase - Governo Republicano
(Mário Ypiranga Monteiro)

Novas Atividades. Em 1892 o deputado estadual Dr. Fileto Pires Ferreira apresenta o projeto n° 7, autorizando o governo a liquidar as contas com os empresários das obras do Teatro Amazonas. Convertido na lei n° 3 de 31 de agosto, o Estado do Amazonas pagou aos querelantes a importância de sessenta contos de réis (60:000$000), menos da metade exigida, que era de cento e cinqüenta contos, oitocentos e vinte e oito mil, oitocentos noventa e oito réis (150:828$898).

Governava então o estado republicano o dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, o qual deu impulso às obras paralisadas.

Crispim do Amaral. Com apenas três dias de diferença do edital de 18 de fevereiro de 1893, Eduardo Ribeiro manda contratar o artista brasileiro Crispim do Amaral para realizar as obras de decoração, pintura, ornamentação e instalação do mobiliário do Teatro. O artista não era somente pintor afamado e cenógrafo da Comédia Francesa, mas também músico, ator e comediógrafo, formado pela Academia Real de São Lucas (Itália), retratista e caricaturista. Foi um dos fundadores da revista nacional famosa O MALHO. Dele no Teatro Amazonas, são as decorações internas, pinturas, telões de cena, pano de Arlequim, bastidores, rompimentos, colocação da rosácea do 'plafond" da sala de espectadores, construção do maquinismo do palco, assentamento das cadeiras da platéia, arrumação do mobiliário, das peças de arte, estátuas, faianças, etc., além dos contratos para a aquisição da alegoria a Carlos Gomes, na rosácea. Dele é também o projeto da parte frontal do edifício, com o ante-corpo, tímpano, frontão hemicircular, acrotérios, óculos, cachorros, e bustos de personagens com evidência na cultura nacional.

Uma história que até parece estória.. Do plano original do frontão do Teatro Amazonas, concebido por Crispim do Amaral conforme desenho publicado nos jornais da época, constavam: a reprodução da estátua "Apolo recompensando as Artes", em tamanho natural, e nos acrotérios laterais duas liras, tudo em ferro fundido. Esses elementos decorativos adquiridos por compra em Paris chegaram a Manaus mas não foram instalados. Alegou-se, com ou sem razão, ser o grupo, pesado demais para a estrutura de alvenaria de pedra do frontão. Durante muitos anos ficou o Apolo abandonado na praça de São Sebastião, sujeito às intempéries e ao vandalismo, e mais tarde seria recolhido ao pátio externo do hangar da antiga Usina de Bondes, no bairro da Cachoeirinha. Pelo menos até 1930 ali permaneceu, ao abandono. É sabido o fim que levou: o governo Álvaro Maia doou o grupo a uma conhecida metalúrgica de Manaus, que o fundiu para estrutura de navios.

Telões. O pano de boca do Teatro Amazonas, ainda em uso (recuperado na gestão govemamental do cel. Walter de Andrade e novamente estragado pelas companhias chinfrins que têm vindo a Manaus) foi pintado por Crispim do Amaral sobre telão importado à Casa Capezot de Paris. Representa o encontro das águas (rios Negro e Amazonas) classicamente confundidos com tritões humanizados e a natureza amazônica fielmente reproduzida em conjunto. Não seria o único telão. Outro havia sido abandonado por imprestável, com as dimensões do atual: mostrava o próprio teatro em segundo plano, feericamente iluminado como na noite imortal de sua inauguração. A singularidade do harmonioso conjunto estava no fato do artista haver reproduzido a sua concepção original da frontaria, mas a estátua cimeira do "Apolo representando as Artes" fora substituída pela figura de um índio rompendo os grilhões. Talvez se tratasse de uma alegoria apoteótica a Ajuricaba ou então uma referência à libertação da cultura.

De qualquer sorte não se justifica a alegação de que um nome estranho, pintado em caracteres latinos atrás do pano, seja a assinatura do autor. Concorrem para eliminar essa idéia extravagante em primeiro lugar o contrato com Crispim do Amaral e em segundo a nenhuma referência a tal pintor nos jomais da época nem na teoria dos contratos assinados. Já basta o nome de Capranezzi aparecido por mera circunstância mas o pintor, francês, existiu e se chamava Carpezar.

Rosácea. Foi montada por Crispim do Amaral em 1896, recebendo, pelo trabalho excepcional, a importância de trezentos cinqüenta mil réis (Rs.350$000). Todavia a alegoria a Carlos Gomes, onde figuram as suas óperas, é de autoria desconhecida, talvez pintada na Itália ou na França, ou incluída no trabalho geral do artista.

Decoração Externa. Toda a decoração externa ficou a cargo do construtor italiano Enrique Mazzolani, que recebeu a importancia de cem contos de réis (Rs.100:000$000) por contrato firmado a 31 de março de 1895. Não se inclui o trabalho de pintura externa, feito com o mesmo, adiante explicado pela autorização de serviço.

Manuel Coelho de Castro. Encarregado da construção do Palácio da Justiça, Manuel Coelho de Castro contratou com o governo, a 31 de maio de 1893 a continuação das obras do Teatro Amazonas, sujeitando-se às cláusulas do primitivo acordo feito com Manuel de Oliveira Palmeira de Meneses. É com aquele construtor que as obras prosseguem sem interrupção até o final, 26 de fevereiro de 1895, quando recebeu a quantia de cento e vinte contos de réis (Rs. 120:000$000).

Ferragens. Todo o material de ferro, escadas, rosáceas, gradis, varandins, decorações, bancos, roseta da sala de espetáculos, estatuetas internas e externas, colunas de ferro, mesas e cadeiras primitivas do bar, cadeiras de ferro da platéia, vigamento de aço, "charpante", arco da "avant-cène", grupo do Apolo, liras, armações da cúpula, foi adquirido em Paris à Casa Koch Frères, rue Martel, 6. Excetuam-se apenas as grossas vigas de aço anteriormente vindas de Glasgow.

Mobílias de madeira. Parte do mobiliário (pouco resta) artístico, de madeira, existente no salão nobre do Teatro Amazonas e camarotes do Governador, é de fabricação nacional, adquirido no Rio de Janeiro, à marcenaria Brasileira, de Tomás Cockrane. Dele ainda lá estão um sofá e poltronas forradas de seda, mas o forro original em verde com bordaduras a ouro desapareceu consumido pelo tempo.

Cobertura. O serviço completo de cobertura do Teatro Amazonas foi contratado por duzentos contos de réis (Rs.200:000$000), incluindo-se tirantes, vigas, consolos, caibros, condutores, pára-raios, montagem da cúpula. Em moeda francesa da época, vinte mil duzentos setenta e cinco francos. A cúpula foi adquirida à Casa Koch-Frères, pela importância de trinta mil francos e é constituída de telhas vidradas da Alsácia, embricadas. Terminada a montagem a 30 de novembro de 1895, trabalho executado pelos técnicos franceses Adhémar Lelubre, chefe, e auxiliares Belonic Candeller e Adolphi Rigonsi, auxiliares. O primeiro recebeu de gratificação pela rapidez do serviço um conto de réis (Rs.1:000$000) e os demais quinhentos mil réis (Rs. 500$000). A pintura ornamental é de autoria de Lourenço Machado, que a fez por seis contos, setecentos e sessenta e seis mil e novecentos vinte réis (Rs.6:766$920). Nesse rol está incluído o arco-de-proscênio, da mesma casa vendedora e colocado pelos mesmos técnicos. Durante a recuperação operada no governo cel. João Walter de Andrade, muitas das telhas danificadas foram mandadas fazer no Brasil e lá estão confundidas com as demais.

Espelhos, etc. Vieram para o Teatro Amazonas oito caixas contendo espelhos de Veneza, os quais foram adquiridos parte na Itália, parte na França, custando ao todo a quantia de três contos quatrocentos e noventa e quatro mil réis (Rs. 3:494$000). Desses espelhos só restam os de moldura dourada, pequenos. Os maiores, fixados em moldura de gesso na pedra, pelos corredores, desapareceram, pilhados durante o governo malsinado do desembargador César Augusto do Rego Monteiro, que os conduziu para sua residência fixada posteriormente em São Paulo, onde foram vendidos em leilão. Desapareceram igualmente jarrões de porcelana francesa, chinesa e japonesa, bibelôs legítimos de Sevres, cristais do camarote do Governador, estatuetas (duas estavam na sacada do Palácio do Governo). Para o luxo requintado do Teatro Amazonas vieram cortinas de damasco, tapetes persianos, veludos, rendas. Os camarotes eram guarnecidos de bambinelas de veludo de reps carmezin com berloques de fios de ouro. A balaustrada dos camarotes e frisas igualmente, e todos eles providos das respectivas "damas-de-sala", de que ainda restam algumas no precário museu do Teatro.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura